

A ATITUDE FENOMENOLÓGICA E O DESPERTAR DO SENTIDO ÉTICO: A RESPONSABILIDADE DIANTE DO REENCONTRO COM O MUNDO DA VIDA

THE PHENOMENOLOGICAL ATTITUDE AND THE AWAKENING OF AN ETHICAL SENSE: RESPONSIBILITY IN THE FACE OF A NEW ENCOUNTER WITH THE WORLD OF LIFE

Recebido em: 27/01/2022

Aceito em: 29/04/2022

Guilherme Carpes Motta¹ 

Resumo: É possível pensar um despertar do agir ético a partir da atitude fenomenológica? O presente artigo irá buscar responder essa pergunta por meio de alguns pontos de análise: Para defender a tese de que há um despertar do agir ético implicado na atitude fenomenológica, será realizado um comentário sobre ideia de atitude fenomenológica como a atitude de reencontro com o mundo da vida a partir da condição humana de consciência encarnada. Em um segundo momento, já tendo recolocado o ser humano no mundo, será ensaiada uma breve explanação sobre a intersubjetividade. Posteriormente, em um terceiro momento, sob o lema do voltar-se as coisas mesmas por meio do reencontro com o mundo, será defendida a possibilidade do despertar de um sentimento de renovação e de dever ético enquanto responsabilidade, ambos necessariamente implicados na atitude fenomenológica enquanto atitude de reencontro. Em nenhum momento defende-se a tese de uma fundamentação da ética na fenomenologia ou na atitude fenomenológica, mas sim, por meio dos três pontos indicados, um posicionamento ético necessariamente implicado nessa atitude, que para além da tese de um fundamento ético da fenomenologia, busca defender uma tomada de posição ética a partir de uma ação específica de saída da atitude natural rumo à atitude fenomenológica e seu condicionante reencontro com o mundo, pensando a ética não mais como fruto de valores abstratos, mas sim, situada, colocada, fundamentada na realidade humana concreta.

Palavras-chave: Fenomenologia, Ética, Atitude fenomenológica, Renovação, Mundo da vida.

Abstract: Is it possible to think about an awakening of ethical action from the phenomenological attitude? In order to defend the thesis that there is an awakening of ethical action implied in the phenomenological attitude, a comment will be made on the idea of phenomenological attitude as an attitude of re-encounter with the world of life from the human condition of incarnate consciousness. In a second moment, having already repositioned the human being in the world, a brief explanation on intersubjectivity will be rehearsed. Afterwards, in a third moment, under the motto of returning to the things themselves through the encounter with the world, the possibility of awakening a feeling of renewal and of ethical duty as responsibility will be defended, both necessarily implied in the phenomenological attitude as an attitude of encounter. At no time is the thesis of a foundation of ethics in phenomenology or in the phenomenological attitude defended, but rather, through the three points indicated, an ethical position necessarily implied in this attitude, which, beyond the thesis of an ethical foundation of phenomenology, seeks to defend an ethical position from a specific action of leaving the natural attitude towards the phenomenological attitude and its conditioning re-encounter with the world, thinking ethics no longer as the fruit of abstract values, but rather, situated, placed, and grounded in the concrete human reality.

Keywords: Phenomenology; Ethics; Phenomenological attitude; Renewal; Life world.

¹ Mestrando em Filosofia pelo PPGF - UFSM. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (2016). Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER (2021). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER (2018). Professor da rede Municipal de Ensino de Santa Maria/RS. E-mail: guic.motta_@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A fenomenologia é tradicionalmente uma filosofia de crítica ao conhecimento, ela nasce a partir de Husserl e tem por objetivo fundamental uma análise sobre a possibilidade do conhecimento objetivo, dado os desafios que a ciência de seu tempo estava enfrentando.

Husserl estava preocupado em combater duas tendências da ciência de sua época que tinham como principal característica o afastamento do sujeito humano e sua subjetividade do fazer científico, por um lado, havia o naturalismo/objetivismo das ciências naturais e empíricas, por outro, o psicologismo na lógica e nas ciências do espírito (incluindo aqui a filosofia). O problema a ser enfrentado era justamente a crise de fundamentos vivenciada na ciência, portanto, tratava-se de um problema transcendental, e como tal, não poderia ser solucionado pelo próprio fazer científico, conforme destaca Husserl (2020, p.61) tal problemática “não pode fazer uso de ciência natural alguma; ela não tem que se conectar aos resultados dessas ciências, nem às suas constatações sobre o saber.”

O presente trabalho, no entanto, não irá tecer uma análise sobre o sucesso ou fracasso do empreendimento Husserliano e de seu método de redução fenomenológica. Aqui, interessa-nos analisar, a partir de conceitos chave desenvolvidos na teoria fenomenológica, se é possível pensar em um despertar ético na proposta Husserliana. Em outras palavras, buscaremos responder se a prática da atitude fenomenológica não seria, em sua essência, um despertar para uma atitude de profunda responsabilidade e implicação para com o mundo em que nos encontramos.

O intuito dessa reflexão é conjecturar sobre a fenomenologia para além de uma crítica ao conhecimento, pensá-la como um posicionamento filosófico diante do mundo, uma atitude de negação da perda do sentido enfrentada pela humanidade. Defenderemos, portanto, a necessidade de se pensar uma ética que vise, em sua essência, um aperfeiçoamento humano por meio de um posicionamento diante de toda tentativa de desumanização, negação do outro, da vida e do universo de construção e doação de sentido que intrinsecamente fazem parte da nossa constituição enquanto sujeitos intencionais.

MUNDO DA VIDA: DO ESQUECIMENTO AO REENCONTRO.

Retornar às coisas mesmas é talvez o principal lema da fenomenologia, Merleau-Ponty (2018, p.01), no prefácio de sua fenomenologia da percepção, vai destacar que o objetivo da fenomenologia é o de ser “uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que possa compreender o

homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade.” Esse apontamento já nos direciona para uma primeira impressão do que significa efetivamente a prática fenomenológica e o assumir uma filosofia fenomenológica; ora, trata-se de pensar o ser humano já colocado em uma realidade, e por sua vez, diante dessa realidade compreender o que significa, fundamentalmente, o modo de existir humano a partir de um estar-no-mundo.

Entretanto, cabe destacar as palavras: “repõe” e “retorno”, pois algo só precisa ser recolocado a partir do momento que foi retirado, do mesmo modo, algo só precisa retornar a partir do momento em que se afastou para longe, se perdeu, saiu do lugar onde se encontrava. Mas o que foi perdido? O que foi retirado? O que foi afastado? O mundo!

Essa resposta pode parecer estranha, visto que em sua missão de apresentar a fenomenologia, Merleau-Ponty segue afirmando: “Tudo aquilo que eu sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo...” (2018, p.03). Tal passagem se liga com a palavra destacada na citação anterior “facticidade”, mas o que ela significa? De acordo com Heidegger, *apud* Abbagnano (2012), trata-se de “o que caracteriza a existência como *lançada* no mundo”. Em resumo: perdemos o mundo onde estamos necessariamente lançados, existindo, implicados. Como isso poderia ser possível?

É fundamental para começar a tematizar o esquecimento do mundo e a necessidade de retomá-lo entender os motivos que levaram Husserl, em seu projeto de fundamento da fenomenologia, chegar a tal diagnóstico. Para isso, vamos entender o que o fundador da fenomenologia compreende como experienciar, visto que o nosso estar no mundo se dá diretamente a partir desse experienciar:

A essa estrutura de experiência do Eu, está associado – e também coparticipa dela – que o eu seja para si mesmo assinalado como concreto, existindo com um teor individual de vivências, faculdades, disposições; assinalado – à medida do horizonte – como um objeto-de-experiência disponibilizado pela autoexperiência possível, a ser aperfeiçoada *in infinitum* e, eventualmente, enriquecida (HUSSERL, 2019, p. 58).

Temos aqui um apontamento sobre a importância da experiência enquanto conjunto de vivências de um Eu para a concretude deste, que se dá, se autopercebe e autorreflete em um momento de autoexperiência de si mesmo, no aperfeiçoamento e enriquecimento de suas vivências.

Husserl não parte do mundo, mas do Eu quando vai buscar justificar a existência do primeiro, pois entende, partindo de uma herança cartesiana, que o Ego é o ponto originário de onde tudo passa

a ser tematizado, então, antes de partir para o problema do mundo objetivo, ele busca chegar ao Ego que torna possível o mundo objetivo. Ou seja, já que a nossa existência se dá a partir do experimentar o mundo por meio de um Ego, cabe, conforme aponta Cerbone (2014) responder:

Como a experiência chega a ser *de* ou *sobre* objetos? Questões do tipo “como é possível” são questões transcendentais, e Husserl pensa que tais questões estão para além do escopo das ciências naturais. Isso ocorre porque as ciências naturais, não importando o quão sofisticadas, ainda operam dentro do que Husserl chama de “atitude natural”: nossa postura ordinária com respeito ao mundo que assume ou pressupõe a dadidade dos objetos. [...] De acordo com Husserl, as ciências naturais e, de um modo geral, a atitude natural, são “ingênuas” [...] indica que existem questões que estão, em princípio, para além de seu alcance (CERBONE, 2014, p. 34).

Aqui já observamos o princípio do diagnóstico Husserliano: esquecemos o mundo, pois, já o tomamos como dado, como *aí*. Na atitude natural não tematizamos o mundo, e ao não fazer isso o transformamos em mero objeto empírico a ser desvendado no fazer científico, com isso, acabamos por esquecer a condição originária de todo o fazer científico, a condição de subjetividade intencional (que doa sentido existindo concretamente). O projeto da fenomenologia é recuperar essa condição, ressaltar a importância do agir humano em sua condição fáctica. Zahavi (2019) nos transmite muito bem isso:

Fenomenólogos acentuaram inteiramente o significado da perspectiva de primeira pessoa. Com isso, a fenomenologia entra em uma oposição ao assim chamado objetivismo, que está em geral empenhado em eliminar o sujeito humano da ciência (ZAHAVI, 2019, p. 16).

Superar o objetivismo da ciência e a tentativa de transformar a esfera transcendental em mera condição psicológica, e reafirmar, com essa superação, o valor e significado de ser humano no mundo é a maior tarefa da fenomenologia enquanto filosofia transcendental. Mas qual o caminho para alcançar a esfera transcendental? Qual o caminho para ganhar o mundo novamente como horizonte de minhas significações? Husserl (2019, p.167) aponta a *epoché* como sendo esse caminho: “É preciso, antes, perder o mundo mediante a *epoché* para ganhá-lo de novo em ‘autorreflexão’ universal”.

No perder o mundo, que aqui significa uma suspensão de todos os juízos, um “colocar entre parênteses”, chega-se necessariamente no Ego puro: “A *epoché* é o método radical e universal por

meio do qual eu me capto puramente como Eu e com a vida de consciência pura que me é própria, na qual e por meio da qual todo o mundo objetivo é para mim.” (Ibid. 2019, p.49).

Ao tomar o mundo como estando aí, na atitude ingênua e objetivante, eu esqueço que este mundo é, na realidade, o horizonte de minhas intencionalidades, enquanto consciência pura doadora de sentido, para recuperar esse fato esquecido eu preciso colocar o mundo em suspenso, a crença em sua existência entre parênteses, então, chego ao Ego puro que se descobre doando sentido **no seu existir no mundo**, e com isso, o recupero.

Diante desse cenário, surge a questão: como posso tomar o mundo como objetivo e não como mera representação de meu Ego cogito? Nesse ponto, a fenomenologia se afasta das especulações metafísicas que irão separar consciência e mundo, e parte de uma visão fundamental de que estamos encarnados no mundo de forma intersubjetiva.

O HUMANO: CONSCIÊNCIA ENCARNADA E INTERSUBJETIVA.

Se o mundo, conforme visto na redução fenomenológica, é um horizonte de minhas significações enquanto Ego puro, parece inevitável chegarmos na conclusão que chegou Kant (2015), que afirma:

Pois todas as dificuldades concernentes à ligação da natureza pensante com a matéria surgem, sem exceção, apenas daquela representação dualista sub-reptícia de que a matéria, como tal, não seria um fenômeno, i.e., uma mera representação da mente correspondente a um objeto desconhecido, mas o objeto em si mesmo tal como ele existiria fora de nós e independentemente de toda a sensibilidade (KANT, 2015, p. 344).

Ora, tomar o nosso conhecimento como limitado aos fenômenos, como representações de um sujeito, e com isso, o próprio fenômeno como sendo o ponto limite de nosso entendimento, só nos livraria de um relativismo absoluto se considerarmos a existência de uma camada superior: daquilo que Kant chama de “coisa em si”, caso contrário, a possibilidade do conhecimento objetivo estaria relegada ao total fracasso.

Partindo dessa constatação, Husserl irá buscar eliminar a distinção entre fenômeno e coisa em si Kantiana, e de modo semelhante, a distinção entre *res cogito* (coisa que pensa) e *res extensa* (coisa extensa) de Descartes, negando veementemente qualquer dualismo representacional, e conforme o lema da fenomenologia: “recolocando as essências na existência”. Para fazer isso, evidentemente, seria necessário responder ao problema transcendental do mundo objetivo, em outras palavras,

demonstrar a existência objetiva do mundo da vida, não como mera representação, mas como horizonte concreto de minhas vivências.

Nessa empreitada, os conceitos de Ego puro e de mundo da vida parecem necessitar de um mediador que garanta a existência concreta do primeiro no segundo enquanto facticidade. Tal mediador será o conceito de intersubjetividade, cuja não consideração, conforme aponta Husserl, (2019) foi a falha de Kant ao tentar postular sua filosofia transcendental.

O complexo (...) das investigações referidas ao mundo primordial pode ser designado como “estética transcendental”, mas em um sentido bastante ampliado, mediante o qual tomamos a nós mesmos o título kantiano, porque os argumentos relacionados ao espaço e tempo na *Crítica da Razão*, embora de maneira extraordinariamente limitada e não plenamente clarificada, visam manifestamente um *a priori* noemático da intuição sensível, este que, alargado até se tornar o *a priori* concreto da natureza que é intuitiva de maneira pura e sensível (...), passa a exigir o seu preenchimento fenomenológico-transcendental [...]
tal como nunca foi conhecida a maneira pela qual a estranheza do “outro” se transpõe ao mundo inteiro como sua “objetividade”, dando-lhe pela primeira vez esse sentido (KANT, 2019, p.157/158).

Husserl está argumentando aqui, que para pressupormos um mundo objetivo, uma realidade concreta que se estende para além do sujeito fechado em si mesmo (mônada), é preciso, no horizonte de nossas vivências, experienciar o estranho, o outro (*alter ego*) como subjetividade própria, como mônada completa em si mesma que compartilha o mundo comigo, que doa sentido ao mundo da mesma forma que Eu, e para quem Eu me configuro como sendo o Outro. “Nesse sentido, nada obsta que se comece, (...) com nosso ambiente de vida (mundo-da-vida) humano e com os próprios seres humanos relacionados essencialmente a esse ambiente.” (Ibid, 2019, p.151).

O mundo objetivo da ciência só é possível, argumenta Husserl, pois, somos subjetividades vivendo e compartilhando um horizonte de sentidos com outras subjetividades que se apresentam enquanto tal. Para que o encontro com o estranho se efetive, outro conceito é fundamental: somos consciência encarnada em uma unidade psicofísica, somos seres corporais, eu “encontro, então, de maneira singular, o meu corpo (leib) (...), único objeto no qual ‘eu controlo’, sou vigente (...) Eu posso por meio disso agir corporalmente de maneira imediata.” (Ibid, 2019, p117).

Como corpo, sujeito encarnado, experiencio o mundo, e nesse experienciar me são dados (apresentam-se) os outros, que “são experienciados também como videntes, psiquicamente, nos *corpos* naturais que em cada caso lhe pertencem (...) com corpos eles são ‘no’ mundo” (Ibid, 2019, p113), com essa constatação, concluímos que “eu os experiencio ao mesmo tempo como sujeitos para

este mundo, como experienciando este mundo que eu mesmo experiencio e, nisso, como experienciando-me também” (Ibid, 2019, p.113).

Tais apontamentos culminam na resolução do problema da objetividade do mundo e da possibilidade do conhecimento transcendental, que se tornam efetivos por serem compartilhados, e se sabem compartilhados em função da realidade concreta dos seres humanos como fenomenologicamente constituída num mundo, intencionado por uma consciência encarnada em um corpo, que compartilha este horizonte de vivências com outros corpos, outras consciências encarnadas, em uma “comunidade de mônadas” intersubjetivamente vivida.

O caminho trilhado até aqui irá servir de chave argumentativa para a defesa de um despertar ético implicado na atitude fenomenológica, que se traduz nessa suspensão (*epoché*) e reencontro com o mundo, onde se efetiva a noção de intersubjetividade e com ela, conforme será apontado, um senso de renovação fundado num ideal ético de responsabilidade.

RENOVAÇÃO: TU TE TORNAS ETERNAMENTE RESPONSÁVEL PELO MUNDO QUE REENCONTRAS

Husserl não viu o holocausto, os horrores dos campos de concentração, a barbárie e a absoluta ausência de todo o sentido, ele não viu até onde o ódio pode ir, e por isso, não presenciou a total perda da fé na racionalidade e em uma humanidade guiada por valores éticos universais.

Que pese isso, cabe observar que ele viu o caminho para tudo isso sendo traçado, presenciou a eminente derrocada do sentido e a crise enfrentada pela humanidade, mais especificamente, pela humanidade europeia. Mesmo sem ter visto os horrores do holocausto, ele já vivenciava tempos dolorosos e que clamavam por uma renovação da cultura, e exatamente assim ele abre um de seus artigos sobre renovação, onde aponta: “Renovação é o grito de chamada geral no nosso doloroso presente, [...] A guerra, pôs a descoberto a íntima inverdade, a ausência de sentido desta cultura.” (HUSSERL, 2014, p. 03).

Em seus escritos sobre cultura e ética, o pai da fenomenologia já assumia a implicante tarefa da filosofia, e mais precisamente da fenomenologia, como uma tarefa de renovação, uma atitude perante o mundo que se desvela, que se rememora, uma radical recusa a perda de sentido que assombrava seu tempo. É latente nos textos de Husserl a sua profunda crença na humanidade, uma crença que remete a liberdade inquietante de buscar uma plenitude, desta forma, ele continua:

Todavia, esta descoberta significa precisamente a obstrução da sua força impulsionadora mais própria. Uma nação, uma humanidade vive e cria na plenitude das forças quando é transportada por uma crença impulsionadora em si mesma e em um sentido belo e bom de sua vida de cultura; quando, por conseguinte, não simplesmente vive, mas antes vive ao encontro de uma grandeza que tem diante dos olhos e encontra satisfação no seu sucesso progressivo, pela realização de valores autênticos cada vez mais elevados (Ibid, 2014, p. 03).

Caberia ao leitor questionar de onde vem essa crença, qual a fonte de tamanho crédito atribuído a humanidade diante do cenário de ausência de todo o sentido, de destruição dos valores que edificaram toda uma cultura? Tocaria aqui, sem maiores questionamentos, uma posição profundamente niilista frente ao futuro que se apresentava.

Uma resposta a tal questionamento pode ser encontrada no profundo senso de responsabilidade que o abrir-se para o mundo e para o outro desperta no sujeito que impulsiona tal atitude. Antes de qualquer coisa, cabe destacar que, conforme Husserl, estamos falando de seres humanos autenticamente “livres”, que devem “determinar-se do ponto de vista prático”, o que significa que a humanidade, enquanto tal e devido tal, possui responsabilidade por sua cultura, por seus valores, por suas vivências, afinal dizemos que: “algo novo deve suceder; deve suceder em nós e através de nós próprios, através de nós enquanto membros da humanidade vivendo neste mundo, dando-lhe forma através de nós e recebendo forma através dele.” (Ibid, 2014, p.04).

Aqui é possível perceber a implicação da tomada de atitude fenomenológica, redescobrir o mundo esquecido, encontrar com o outro, o estranho e se reconhecer significando tal mundo em uma comunidade intersubjetiva significa, necessariamente, – e aqui cabe uma ênfase na palavra **necessariamente**, pois, a fenomenologia não é mera teoria de mundo, não é apenas uma corrente filosófica entre tantas outras – o resgate de uma atitude, de um posicionar-se frente ao mundo, uma recusa ao não sentido.

Sem nos deixarmos desorientar por um pessimismo pusilânime e por um “realismo” sem ideias, não devemos tomar inconsideradamente como impossível precisamente o mesmo também para os “homens em ponto grande”, para as comunidades mais alargadas e para as larguíssimas, e deveremos reconhecer como uma exigência ética absoluta uma semelhante disposição para o combate em direção a uma humanidade melhor e uma autêntica cultura. (Ibid, 2014, p.04/05).

Tal exigência ética, o dever que nos chama para a renovação rumo a uma autêntica humanidade, não está apoiada em ideais absolutos e metafísicos, muito menos em posturas revolucionárias pura e simples, mas em uma tomada de consciência do que significa precisamente o

estar no mundo. Trata-se de um reconhecimento do Eu como intencionalidade doadora que existe intersubjetivamente. Por cultura autêntica, não se deve tomar uma colonização ou supremacia, mas o reconhecimento do mundo da vida como o universo de cultura de uma determinada coletividade, que, assim como o Eu que se encontra com o outro, trata-se da comunidade que se encontra com a outra. A experiência humana se dá profunda e intimamente ligada ao encontro, ao dar-se em sentido para o outro, nesse processo, os valores são passíveis de evolução, de questionamento, de troca.

As realidades singulares separadas, correspondentemente, os seus sujeitos-eu, surgem uns para os outros em relação de mútua compreensão (“intropatia”); através de atos de consciência “sociais”, instituem (imediate ou mediatamente) uma forma de tipo completamente novo de congregação de realidades: a forma da comunidade, espiritualmente unida por momentos internos, através de atos e de motivações intersubjetivos, (Ibid, 2014, p. 09).

Estar em comunidade é estar em processo constante de troca, compartilhamento, é reconhecer o outro sem tornar-se outro, sem abrir mão do si-mesmo. Compreendemos aqui que a cultura cultiva a si mesma por meio da intersubjetividade, seja entre os múltiplos sujeitos da mesma cultura, seja entre as trocas multiculturais. No juízo de cada consciência subjetiva, está implicada a crença em uma humanidade “verdadeira e autêntica”, conforme aponta Husserl, essa é uma ideia objetivamente válida, ela tem sua objetividade justamente impressa na troca intersubjetiva, no compartilhamento desse ideal pelos sujeitos da comunidade. Husserl alega que tudo isso está contido em uma análise científica e racional da essência da ideia de humanidade.

Considerar que há uma essência da humanidade autêntica, presente enquanto ideal de consciência, que se manifesta intersubjetivamente a partir das múltiplas subjetividades doadoras, é abrir-se para a verdade de essência de que somos intrinsecamente responsáveis pela manutenção do sentido, preservação (não no sentido reacionário) da autêntica cultura e dos autênticos valores do que é ser humano, portanto, nos tornamos fenomenologicamente responsáveis pela humanidade e pelo mundo que reencontramos a partir da atitude fenomenológica de redução às essências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O NECESSÁRIO DESPERTAR ÉTICO NA ATITUDE FENOMENOLÓGICA

A fenomenologia surge no século XX como uma filosofia do ser humano facticamente estando no mundo, ela tem um ponto de partida bem delimitado: “o mundo como se apresenta para nós”, o

“mundo que está naturalmente-aí” e a nossa atitude frente ao mesmo enquanto sujeitos de consciência.

Husserl logo faz um diagnóstico: ao tomarmos o mundo como estando-aí, nos esquecemos do mesmo, ignoramos nossa condição de sujeitos que atribuem sentido ao mundo *no* mundo, e com isso, apagamos da ciência, da filosofia e do conhecimento do mundo em geral o sujeito que conhece. Nas tentativas de reestabelecer o papel do sujeito que conhece, acabamos por cair em um problema da mente fechada em si mesma, o problema do solipsismo e, conseqüentemente, o da concretude do mundo objetivo.

Todos os esforços de Husserl vão se direcionar para a necessidade de “recolocar as essências na existência”, e compreender que as coisas são tal como aparecem para uma consciência que é sempre consciência de alguma coisa. Para recuperar esse sujeito que é a base de sentido do mundo enquanto seu horizonte, seria preciso perder o mundo, colocá-lo entre parênteses, negá-lo em seu estar-aí-para-mim, e com isso, chegar à fonte de sentido: o Ego cogito e suas cogitationes.

Ora, mas isso nos levaria ao velho problema do solipsismo novamente! Essa é uma injusta condenação a Husserl, que destaca em sua fenomenologia um outro ponto ao qual somos levados pela redução, a descoberta de que somos consciência encarnada, e mais do que isso, a descoberta do estranho, que se manifesta como não-eu, o outro-eu, aquele que não pode ser reduzido por mim. Somos uma comunidade intersubjetiva, e justamente por isso, temos a possibilidade de um mundo objetivamente válido.

Reencontrando o Eu, reencontro o mundo, nisso, o corpo e por fim, o outro. Com o outro, e corporalmente situado num mundo que se desvela como “mundo de sentido”, percebo-me livre e criador da cultura ao mesmo tempo que sou criado por ela. Nesse movimento, um senso de responsabilidade pela cultura e pelo outro surge como ideal de uma humanidade autêntica, de uma cultura autêntica: um desejo de renovação.

Todo esse movimento fundamenta a ética *no* mundo e a coloca como *intrinsecamente* humana, uma ética viva, comunitária, encarnada e em constante evolução. Isso se revela não como uma ideologia, mas como uma verdade de essência, e por isso, uma necessidade que está justificada num senso de responsabilidade.

Assim, longe de encerrar a questão e ciente das inúmeras dificuldades que a mesma levanta, cabe concluir que não se pode falar em fenomenologia – muito menos em atitude fenomenológica – sem estar implicado no despertar para o agir ético que se consolida nessa mudança de atitude. Ao

reencontrar o mundo, reencontro-me como sujeito deste mundo, livre e consciente das múltiplas possibilidades de renovação que se desvelam nessa postura intencional. A atitude fenomenológica me impede de assumir uma postura narcísica de fechamento em mim mesmo, de não abertura, pois, ela está essencialmente – e a todo momento – sendo preenchida com o dar-se do outro, que me assombra por ser aquele que não se reduz a minha idiossincrasia, que não se adapta ao meu visar do mundo, mas sim, compartilha comigo um mundo infinito de significações.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. – 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

FABRI, Marcelo. **A motivação ética da fenomenologia husserliana**. In. TOURINHO. Carlos Diógenes. C. T. (Org.). **Origens e caminhos da fenomenologia**. – Rio de Janeiro: Booklink, 2014.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia: cinco lições**. – Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

HUSSERL, Edmund. **Europa: crise e renovação**. 1.ed. – São Paulo: Forense universitária, 2014.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas: uma introdução à fenomenologia**. – São Paulo: Edipro, 2019.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. – 4ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora universitária São Francisco, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZAHAVY, Dan. **Fenomenologia para iniciantes**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.